
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

METODOLOGIA DO ENSINO RELIGIOSO: DESAFIO NA FORMAÇÃO DOCENTE*

Maronildes Felix Limeira – (UFPB)

Resumo

Ao tratar do componente curricular Ensino Religioso (ER) no contexto da sala de aula, diante da realidade cultural religiosa atual, muitos aspectos devem ser considerados, de modo que o processo de ensino e aprendizagem aconteça de forma satisfatória e os resultados esperados sejam alcançados. Dentre esses aspectos destaca-se a metodologia a ser aplicada e, evidentemente, considera-se o papel do educador determinante nesse processo. Para tanto, a partir de uma pesquisa bibliográfica, busca-se compreender a importância do Ensino Religioso na formação do educando; a partir daí a necessidade da formação do educador, capaz de aplicar metodologia adequada ao ensino, na construção do ser humano integral.

Palavras-chave: Ensino religioso. Metodologia de ensino. Formação docente.

Introdução

A partir do Século XX, com o impacto da ciência na vida cotidiana, um novo paradigma se instala, com uma visão mais holística e integral do ser humano, perpassando pela religiosidade. "A Religiosidade é uma percepção e uma conexão com a Vida que procura captar, fruir e proteger tudo aquilo que ultrapassa a materialidade e imediaticidade do Mundo [...]" (CORTELLA, 2007, p.16); enquanto a religião representa um conjunto de princípios, crenças e práticas de doutrinas religiosas, que ainda não é conhecida e compreendida de forma satisfatória; por isso, vem passando por uma releitura, principalmente no meio acadêmico, sob olhares mais científicos do que crédulos.

Considerando que a escola tem o compromisso de informar e formar o educando, não pode se refutar a essa realidade, dos conhecimentos acerca de fenômenos inerentes à condição humana, como é o caso do fenômeno religioso, especialmente se considerado o objetivo base da educação, de formação do cidadão para atuar na sociedade em meio à diversidade cultural e religiosa.

Afinal,

> O conhecimento da religião faz parte da educação geral e contribui com a formação completa do cidadão, devendo estar sob a responsabilidade dos sistemas de ensino e submetida às mesmas exigências das demais áreas de conhecimento que compõem os currículos escolares. (PASSOS, 2007, P. 65).

Considerando que no Brasil a diversidade religiosa é bastante expressiva e que a maioria das tradições religiosas é representada por uma minoria, vista com preconceito, é preciso que a escola desenvolva um trabalho que contemple todas as tradições, conduzindo ao entendimento que todas são importantes, e que por isso devem ser igualmente respeitadas.

Esta afirmação justifica a necessidade desse conhecimento ser trabalhado em sala de aula, integrando o currículo da escola. Sendo assim, o componente curricular ER, conforme o artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional *é disciplina dos horários normais, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa e vedadas quaisquer formas de proselitismo.*

Neste sentido, é preciso considerar a diversidade da sala de aula, as experiências dos educandos no convívio social, respeitar a tradição religiosa que cada um traz de sua família e oferecer um conhecimento que os ajude a reconhecer os elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, na busca pelo Transcendente, em um mundo globalizado, sob um olhar ao mesmo tempo neutro, crítico e reflexivo.

Assim, ao tratar desse componente curricular é preciso considerar os desafios diante de suas limitações epistemológicas e da abrangência do objeto de estudo dessa área; considerando ainda, o polêmico artigo 33 da LDB, que faculta esse ensino ao educando, o que torna esse componente "desprestigiado" em detrimento aos demais componentes do currículo escolar.

Diante do exposto, outras questões tornam-se evidentes e urgentes, dentre elas, como conduzir esse processo de ensino e aprendizagem? Essa

questão está diretamente relacionada à metodologia de ensino, ao procedimento adotado pelo docente, a sua prática em sala de aula; enfim, à formação do docente, aspecto base da nossa discussão.

Não dá para pensar na condução do processo de ensino e aprendizagem sem pensar na condição do educador, especificamente no que se refere a sua formação. Este sujeito, no papel de protagonista do processo, em parceria com os educandos, acaba por fazer a diferença, ainda que diante de tantos entraves, do próprio sistema educacional, já muito conhecido, que não vem ao caso, neste estudo, detalhá-los.

É preciso, pois, que o educador de ER procure agir conforme Freire:

> Saber que devo respeitar à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante (FREIRE, 1996, p.30).

Dentre as virtudes ou qualidades, que segundo o autor, o docente precisa desenvolver, acredita-se que a postura ética está em primeiro lugar, por se tratar de um aspecto imprescindível no diálogo inter-religioso; bem como, nas relações interpessoais, principalmente se considerada a afirmação de Kluck... [et al.] (2015):

> a religião não é compreendida somente como práticas diversificadas, mitos e ritos. Ela contribui para a produção de éticas, elemento de grande importância no processo civilizatório dos homens, conforme se confirma na história, pois as tradições religiosas acumulam forças políticas e morais. (KLUCK... [ET AL.], 2015, p. 06).

Essa produção de éticas se dá a partir do conhecimento. Ao passo que o sujeito compreende o que é religião, já não lhe causa mais estranhamento a religião do outro e, considerando que a ética é a base de toda religião, aquele que pratica uma religião, possivelmente desenvolve uma postura ética.

É no exercício do diálogo com o diferente que o ser humano engendra a possibilidade de flagrar-se também como um diferente e um

outro diante de alguém outro. Quando o eu e o outro se percebem, nasce a ética. (OLIVEIRA... [ET AL.], 2007, p. 111).

Mas é desafiante tratar do Ensino Religioso diante da pluralidade de crença, considerando que esse ensino, por muito tempo, foi sinônimo de catecismo na escola e, mesmo com renovações a partir da legislação, prevendo sua laicidade, no combate ao proselitismo, ainda há muito a ser trabalhado em respeito à diversidade, de modo que o educando possa desenvolver um olhar que contemple a si, mas também ao outro.

Para Diniz, Lionço e Carrião (2010) o mal-estar é muito presente nos conteúdos e a diversidade vem implicitamente de forma errônea e sem um teor pedagógico das religiões. Daí, frequentemente o educador de ER se depara com as seguintes questões: O que trabalhar? Como trabalhar? Para quê esse ensino?

É preciso, pois, pensar em metodologia do Ensino Religioso a partir de modelos de ensino. Dentre esses modelos destaca-se o esquema de Passos (2007), em que o autor apresenta numa sequência cronológica:

> O modelo **catequético** é o mais antigo; está relacionado, sobretudo, a contextos em que a religião gozava de hegemonia na sociedade, embora ainda sobreviva em muitas práticas atuais que continuam apostando nessa hegemonia, utilizando-se, pior sua vez, de métodos modernos. Ele é seguido do modelo **teológico** que se constrói num esforço de diálogo com a sociedade plural e secularizada e sobre bases antropológicas. O último modelo, ainda em construção, situa-se no âmbito das **Ciências da Religião** e fornece referências teóricas e metodológicas para o estudo e o ensino da religião como disciplina autônoma e plenamente inserida nos currículos escolares. Esse visa a lançar as bases epistemológicas para o ER, deixando suas raízes e arrancando suas exigências do universo científico dentro do lugar comum das demais disciplinas ensinadas nas escolas. (PASSOS, 2007, p. 54).

Apesar do terceiro modelo em evidência, a questão histórica ainda é muito marcante no processo educativo do componente curricular ER, como já evidenciado, por séculos prevaleceu o modelo catequético, predominantemente com o cristianismo, sob a responsabilidade de

confissões religiosas; depois, o modelo teológico se instala com uma catequese mais sutil, no que ofereceu uma abertura para o diálogo entre igrejas cristãs e passou a incluir religiões não cristãs, mas ainda sob a responsabilidade de lideranças religiosas. O último modelo Ciências da religião é recente e sua concepção tornou-se a mais adequada para conduzir o processo de ER na escola, por se relaciona com a comunidade científica, o que pode garantir a esse componente curricular autonomia epistemológica e pedagógica.

Conforme Usarski (2013),

> O termo *Ciência da religião* refere-se a um empreendimento acadêmico que, sustentado por recursos públicos, norteado por um interesse de conhecimento específico e orientado por um conjunto de teorias específicas, dedica-se de maneira não normativa ao estudo histórico e sistemático de religiões concretas em suas múltiplas dimensões, manifestações e contextos socioculturais (USARSKI, 2013, p. 51).

No entanto, a proposta do ER em Ciências das Religiões é frágil e isso requer bases pedagógicas em diversos aspectos da formação docente; pois, a partir da questão histórica, outras questões se apresentam como entraves na condução pedagógica do ER, que deve considerar a laicidade do Estado, em respeito à diversidade cultural religiosa do país. Essas questões têm uma relação direta com a formação docente, que por sua vez esbarra em questões do próprio sistema educacional.

No que se refere à formação docente é preciso considerar que além dos modelos pedagógicos, o professor precisa ter conhecimento da base teórica e metodológica do ER, do seu objeto de estudos, para poder conduzir esse ensino com competência, numa contribuição à autonomia da disciplina, de modo a compor o currículo escolar nas mesmas condições das demais disciplinas; ou seja, sem ser facultada ao educando.

O fato de a disciplina não gozar do status de "obrigatoriedade" como as demais disciplinas, faz com que esta seja vista em segundo plano no processo de ensino e aprendizagem e, por conseguinte, desprestigiada no âmbito escolar. Isto significa que não há investimento a favor desse ensino

e, neste contexto, a disciplina acaba sendo orientada por docentes com formação nas mais diversas áreas de conhecimento, menos com formação em Ciências das Religiões.

Por outro lado, tem se destacado a formação docente de ER de determinadas universidades, como é o caso do Curso de Licenciatura em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba e de tantas outras universidades. No entanto, os cursos de formação docente do ER não estão presentes em todas as universidades e, por este conseguinte, sistemas escolares têm acabado orientando, de forma aligeirada na formação continuada, o professor de diversas áreas para atuar no ER.

Assim, a área das Ciências das Religiões habilita o cientista da religião a procurar e desvendar o fenômeno religioso a partir do que é religião, na busca por entender a influência que ela exerce na vida humana e saber as leis que determinam seu processo histórico, social e cultural. Para tanto, deve se abster de julgamento da suposta qualidade dos fenômenos religiosos, mantendo-se na condição de pesquisador, a fim de enxergar melhor os fatos e, principalmente, respeitar à diversidade religiosa presente na esfera pública.

Para Rubem Alves,

> É fácil identificar, isolar e estudar a religião como o comportamento exótico de grupos sociais restritos e distantes. Mas é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano. A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religião, portanto, longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como um espelho em que nos vemos. Aqui a ciência da religião é também ciência de nós mesmos; sapiciência, conhecimento saboroso (ALVES, 1999, p. 13).

Diante do exposto, torna-se evidente a necessidade de repensar a proposta do componente curricular ER a partir do modelo da Ciência da Religião, que tem se mostrado com dinamismo e sensibilidade, diante da heterogeneidade cultural religiosa.

Neste repensar o "como ensinar", que se apresenta como a metodologia a ser aplicada, fala-se na ecopedagogia, como uma proposta que envolve uma mudança do educando no sentido de ser, conhecer e saber, que transcende o individual, na busca por uma harmonia coletiva, por mudança social.

Trata-se de uma metodologia de natureza transdisciplinar, interdisciplinar e disciplinar, que envolve diferentes disciplinas que se reorganizam e neste processo docente e discente estão todo tempo ensinando e aprendendo.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Alves (2003), se baseia em literaturas estruturadas, obtidas em livros e artigos científicos provenientes de bibliotecas convencionais e virtuais. A metodologia da pesquisa assume um importante papel nos seus mais variados meios e formas de utilização, formando pensadores que chegam à natureza de determinado problema ou fenômeno com melhores condições de estudá-lo, explicando-o, quando solicitado, e modificando-o, quando necessário.

Para Gil (2010), um bom pesquisador deve, além do conhecimento do assunto, ter curiosidade, criatividade, integridade intelectual e sensibilidade social.

Neste sentido, ao observar a realidade, de dificuldade dos educadores na condução da disciplina ER, surge a necessidade de aprofundar nessa questão, a partir da pesquisa bibliográfica, inicialmente com o intuito de investigar o que tem sido produzido acerca dessa problemática; ao mesmo tempo, aprofundar o conhecimento no assunto.

Toda essa caminhada proporciona maior compreensão da questão em pauta, de modo que as contribuições e intervenções necessárias podem ser tratadas com propriedade, numa contribuição ao motivo maior de todo o sistema educacional, o processo de ensino e aprendizagem, a formação

integral do educando, o que requer competência do educador, na condução de todo esse processo.

Considerações finais

Espera-se, com este estudo, contribuir com novas reflexões em torno do ER, especificamente no que se refere à metodologia de ensino, que possibilitem uma aproximação tanto dos educadores quanto dos educandos às informações advindas das religiões, em um mundo globalizado, sob um olhar ao mesmo tempo neutro, crítico e reflexivo.

Toda essa reflexão deve contribuir na relação do homem que se encontra diante de um significativo pluralismo religioso, um forte movimento de alteração social, que exige um novo tipo de interação dos cristãos com o espaço que ocupam. (ALVES; JUNQUEIRA, 2011).

Portanto, se a escola tem o compromisso de informar e formar o educando, não pode se refutar a essa realidade, dos conhecimentos acerca de fenômenos inerentes à condição humana, como é o caso do fenômeno religioso. Estudos dessa natureza oferece condição ao educador de trabalhar no intuito de promover o conhecimento e respeito à diversidade cultural, numa contribuição à formação integral do educando especialmente se considerado o objetivo base da educação, de formação do cidadão para atuar na sociedade.

Referências

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Edições Loyola. 1999.

Brasil. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União: Brasília, 1996.

DINIZ. D; LIONÇO, T. L; CARRIÃO, V. **Laicidade e Ensino Religioso no Brasil**. Brasília: Editora UNB. 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLUCK, Claudia Regina... [et al.]. **Espaços sagrados**: sessão do professor: sugestões de atividades pedagógicas multidisciplinares. Curitiba: s.n, 2015.

OLIVEIRA... [et al.]. **Ensino Religioso**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2007.

PASSOS, J. **Ensino religioso**: construção de uma proposta. São Paulo: Paulinas. 2007.

USARSKI, F. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. (Orgs.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.